

Estéticas e políticas da existência (Resposta a um artigo)

Horacio Lujan Martinez*



Nosso artigo aspira ser uma resposta a outro texto publicado nesta revista por Eva Paulino Bueno “O Che, o homem, o mito e a camiseta” (ver http://www.espacoacademico.com.br/094/94esp_bueno.htm).

Esse texto em referência está redigido numa retórica emotiva onde a autora exhibe o verdadeiro nó da sua revolta, qual seja a de que a revolução cubana não teria solucionado os problemas que pretendia resolver ou que proclama ter resolvido.

Assim, começa perguntado se o Che Guevara de “Diários de Motocicleta” era real ou parte desse mito global que, camiseta mediante, parece ter chegado para ficar. Ao mesmo tempo, perto da conclusão, a autora se pergunta o que pensaria o Che de alguém como o Hugo Chávez. Essa tensão ou aparente contradição no texto – o Che não passa de um mito, mas, ao mesmo tempo, teria autoridade moral para julgar seus “seguidores” – pode nos ajudar como

começo de uma resposta, embora hipotética.

Sugiro que pensemos a mitologização do Che segundo certos esquemas que se repetem e que constituem, desse modo, estruturas épicas a serem imitadas por meio de uma pedagogia do exemplo.

Tentemos pensar o culto dos ídolos ou dos heróis de um modo oposto ao já postulado por Thomas Carlyle. Isto é, a história da humanidade não é a biografia dos seus grandes homens. A história da humanidade é a história de como ela escreve essas biografias. O modo de escrever essas biografias, de montar esses exemplos, possui uma regularidade de padrões histórica que gostaríamos de expor resumidamente.

Partimos do pressuposto de que não é o mesmo o personalismo apresentado no fascismo (Duce) e no nazismo (Führer) e o uso da camiseta do Che. Por isso, é pelo menos temerário dizer que “o Che é um dos dentes da engrenagem capitalista”, no sentido de ser mais uma parte do culto da personalidade que este sistema (não somente ele) sempre parece precisar. O Che é exemplo – no sentido icônico no qual queremos falar – de modo de conduta, não de condutor. É sabido que o Che não posou para essa foto e muito menos tem algo a ver com as camisetas posteriores. Nesse sentido, pensamos a imagem do Che como uma imagem para modelar a própria conduta, em algo parecido ao que fora chamado por Michel Foucault de “estéticas da existência”. Estas são uma série de

exercícios físicos e mentais (mnemotécnicos, entre outros) realizados em função de operar uma transformação de si próprio. Por essas “artes da existência”: “Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo” (FOUCAULT 1990, p. 15). Foucault aponta que essas “artes da existência” ou “técnicas de si” teriam se perdido com o cristianismo, integradas na constituição e no exercício do poder pastoral. Acreditamos que é, precisamente, essa integração das práticas estoicas sobre si mesmo no cristianismo a que poderá ajudar nesta breve abordagem.

Vamos por partes. Do que se trata é distinguir entre o conjunto de prescrições e de recomendações que Foucault chama de “código moral”, da “moralidade dos comportamentos”, isto é, a maneira como as pessoas se relacionam com esse código. Isto é, trata-se de não pensar somente como um agente que realiza uma ação recomendada e reconhecida como moral, mas, também, de ser um sujeito ético, ou seja, realizar ações e transformações sobre si mesmo. Essas transformações procuram as condições espirituais que permitam ter acesso à sabedoria. Nos termos da sabedoria prática, sabedoria para a vida, não se trata de realizar um processo teórico para os fins da descoberta da verdade. Trata-se de realizar um trabalho de transformação sobre si mesmo para ser “digno” da verdade.

Esse trabalho de autotransformação é reelaborado pelo cristianismo na forma

de exercícios espirituais dos quais os do Santo Ignácio de Loyola sejam, talvez, os mais conhecidos. Ora, como sempre na história das continuidades, esta não se realizou sem divergências internas. As práticas ascéticas cristãs – que tomaram como base aquelas práticas estoicas junto com algumas derivadas do Oriente – tiveram seu ponto de atrito naquilo que deveria ser a “imitação de Cristo”. Assim, o aprofundamento no ascetismo deu lugar a contracondutas. Aqueles que amavam de modo desmesurado a Cristo criavam problemas à Igreja como instituição¹. É o problema de se o Cristo, para ser imitado, é o que mandou embora os mercadores do templo ou o crucificado. Há um corte político grande entre os grupos ascéticos que faziam do sacrifício uma força de revolta, e a “imitação de Cristo” defendida por Thomas de Kempis, imitação na qual se destacam o silêncio e a obediência como as principais qualidades cristãs².

¹ O caso de Santa Teresa de Jesus é o mais sintomático. Um artigo de Daniel Omar Perez aborda esse exemplo de modo claro: “Escuchar la voz de Dios y sentir a Cristo en el corazón eran las cosas que el confesor aconsejaba a santa Teresa callar y también por esos relatos nuestra santa recibía burlas y era considerada enferma. Finalmente su pasión fue más fuerte, y ella decidió gritar a los cuatro vientos que su vida era eso, era una vida con Dios. Así, escribió: “¿Quién vé a el Señor cubierto de llagas y afligido con persecuciones, que no las abraza y las ame y las desee?” Si la consigna era vivir en Cristo, entonces nada mejor que este ejemplo. Su transgresión consistía en ser literal. [...] Teresa, San Juan de la Cruz y San Francisco de Asís no conocían el uso político de la metáfora.” (PEREZ 2006, p. 333)

² Sem ser este o lugar para um maior desenvolvimento, seguimos a leitura de Peter Brown, que distingue entre a “*repraesentatio Christi*” da Antiguidade clássica e o “Cristocentrismo”, que vai da Idade Média à Reforma. Representar Cristo significava, para os santos do começo da nossa era, tornar ele presente através dos atos da própria vida. O

Assim como a ética do código e a do trabalho sobre si mesmo se misturam no cristianismo, a atitude do rebelde junto com a do destino do crucificado o fazem na figura do santo. O santo o é porque é um modelo para imitar, mas o que ele faz é inimitável. O santo é um “paradoxo ambulante”: ele sobressai como o cúmulo das virtudes, mas ninguém pode encarnar esse excesso. Por isso é sacrificado.

Então, se a “estética da existência” continua como imitação de Cristo, a escultura de si próprio adquire um modelo único: a do sacrificado. É o mesmo modelo com que se adora o Che. A camiseta do Che funciona como a imagem do santo na Idade Média.

Não é a sociedade de consumo que faz do Che um exemplo de conduta; é a forma do exemplo que faz do rosto do Che uma camiseta industrializada. O Che entra numa longa tradição na qual não há maior teste ético que o teste da autenticidade. Como não há verdade objetiva em ética, como postulou Kant, as verdades do mundo físico são diferentes das do mundo moral. Assim, um bom modo de demonstrar a autenticidade e, portanto, a eticidade de uma convicção é morrer por ela. O Che entra na tradição, o que, é claro, não significa que o conteúdo dessa tradição seja o mesmo, de Sócrates ou de Jesus: a do santo-mártir.

Desse modo, o Che é uma forma de subjetivação política, uma vez que as identidades políticas não se formam exclusivamente no consenso racional. Ele é a revolta que demonstrou sua autenticidade, uma vez que morreu no intento de mudar o mundo.

“Cristocentrismo” posterior, pela sua vez, ter-se-ia concentrado na vida e na paixão de Cristo (ver BROWN 1983, p. 7-9).

Para finalizar, gostaria de chamar a atenção para uma coisa que podemos chamar, num primeiro momento, o “mecanismo da desmitologização”, isto é, desmonta-se o mito, mas o que resta não é a verdade por fim descoberta, senão o vazio de ter sido enganados mais uma vez. Assim, descobrimos que o Che Guevara não passava de um homem violento que morreu no momento justo, descobrimos que Abraham Lincoln queria mandar os negros de volta para África ou que Darwin, na verdade, teria plagiado a teoria da evolução. Trás a queda do mito cai também uma série de certezas que o acompanhavam, como a de que alguém pode morrer na selva boliviana tentando levar a cabo um projeto coletivo.

Achamos que existe uma alternativa entre: 1) não aceito as coisas porque estou sendo enganado (teoria da conspiração permanente) e 2) aceito porque sou um alienado que precisa com urgência de uma marca identitária.

Nesse sentido, acreditamos poder superar o esquema “Matrix”, onde a única alternativa é a de escolher entre a pílula azul ou a vermelha.

Não há relação de identidade absoluta entre alienação e a criação de um eu a partir de arquétipos ou de ícones. Não há relação de identidade, também, entre a “desmitologização” e a inteligência. A desconfiança absoluta frente aos fenômenos de massas ou a suspicácia incondicional estão entre as formas mais tristes de um pensar que aspira ser crítico. O mecanismo da desmitologização é perverso porque flerta com a ideia de que só vivemos na verdade e para a verdade, o que é evidentemente mentira. Esse mecanismo, tirando os poucos mitos populares, deixa em pé todos os outros,

e o que é o mito maior: a ideia de que a mentira tem vida curta.

Não é que o artigo de Eva Paulino esteja totalmente errado, senão que coloca a ênfase no lugar errado. O problema que a figura do Che traz à tona, mesmo que seja na forma de mito-camiseta, é até onde podemos excluir o conflito e a violência da política e até onde chega o consenso racional.

Isso não exclui as pessoas que usam a camiseta do Che como uma moda, mas imaginemos um pouco que tipo de mundo seria aquele no qual os jovens de 18 anos de idade usassem camisetas com o rosto de George W. Bush.

A essa arrepiante utopia *Brave new world* se opõe ao culto da imagem do Che.

Referências

BROWN, Peter. *The saint as exemplar in Late Antiquity*. In: **Representations**. N. 2, Spring, p. 1-25, 1983.

CARLYLE, Thomas. **Os heróis**. Tradução: Antônio Ruas. São Paulo: Edições Melhoramentos, [...]

FOUCAULT, Michel. **O uso dos prazeres**. História da Sexualidade 2. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica: José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1990.

PEREZ, Daniel Omar. Figuras éticas. **Revista Acta Poética**. Número 27- 2. Otoño 2006. México. p. 325-348. Disponível em: <<http://132.248.101.214/html-docs/acta-poetica/27-2/daniomaper.pdf>>.



* HORACIO LUJAN MARTINEZ é Doutor em Filosofia. Professor de Ética Contemporânea no Mestrado em Filosofia da Unioeste (Toledo)